



Dia dos mortos no segundo ano de pandemia: as fases de vivenciar a morte no cemitério do “novo normal”

Day of the dead in the second year of
pandemic: the phases of experiencing death in
the cemetery of the "new normal"

Día de los muertos en el segundo año de
pandemia: las fases de experimentar la muerte
en el cementerio de la "nueva normalidad"

Weverson Bezerra Silva
Universidade Federal da Paraíba
weversonsilbez@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3364-7938>

Apresentação

O ensaio fotográfico aborda o tema do dia dos mortos em seu contexto pandêmico ritualístico na cidade de João Pessoa, Paraíba, mais precisamente no Cemitério Senhor da Boa Sentença, situado no bairro do Varadouro, no centro da cidade.

A finalidade é mostrar a continuação do ensaio fotográfico anterior publicado na Revista R@u – Revista de Antropologia da UFSCar, sobre a experiência etnográfica no processo de visitar os mortos como forma de lembrança e ativismo da memória no dia de finados, atentando aos processos sociais e econômicos em torno desse dia em tempos de distanciamento social, no segundo dia dos mortos no Brasil em 2021 na presença da covid-19 em um cenário do “novo normal”. Os enlutados resistem em suas práticas socioculturais, *circulando* no cemitério para execução das práticas religiosas e arrumação dos túmulos em que as mulheres zeladoras e crianças prestam serviços para realizar a limpeza.

Nesse segundo ensaio, busco trazer as cores das imagens como forma metodológica, do primeiro ano cinza e no segundo ano com mais esperança. As cores se vinculam as narrativas dos próprios interlocutores, ao destacar que o cemitério estava ganhando vida, mesmo sendo um espaço de morte, ou para os mortos. As fotografias foram tiradas do celular *Xiaomi Note 7*, como ferramenta metodológica mais confortável para facilitar o espaço privado no ambiente público no ritual dos mortos. Foi utilizado o *Adobe Photoshop* para aumentar o contraste das fotografias.

Trata-se de problematizar os processos da contemporaneidade sobre o visitar no dia dos mortos, com o afrouxamento das medidas de biossegurança e as máscaras aos poucos sendo retiradas, porém, nesse novo contexto, não deixou de ser um acessório junto ao mercado das flores e velas. As fotografias refletem o cemitério como espaço significativo no entendimento de uma organização social, as cores como um sistema de resistência, e ainda como testemunha da história de uma sociedade que vive a experiência coletiva e individual de visitar os seus mortos com restrições e apoio social limitado no processo de interação. No segundo ano de pandemia, foi perceptível mais agentes sociais no ritual.

No campo, com o silêncio do cemitério, era o momento que eu refletia e fazia a observação do espaço. Nesse instante, passava em minha cabeça que em cada túmulo ou cova existia uma história transcorrida, reprimindo o pensamento de Elisabeth Kübler-Ross (1975) que o real desafio de tempo e espaço é viver o tempo que você tem antes da morte. Nessa hora tive que respirar, pois percebi que seria uma das minhas primeiras

situações de pânico. Pois, nesse ápice de distanciamento social que estávamos vivendo, o cemitério estava mais vazio, comparado a outros dias de finados que realizei trabalho de campo.

Com isso, é preciso destacar que os sistemas simbólicos sobre a morte e o morrer retificam todas as ações a que o indivíduo precisa dirigir-se quando o tema da morte é posto em destaque, e assim, o fenômeno da morte se insere em um conjunto de interpretações no complexo das experiências, conduzidos por um sistema simbólico que as anuncia, de uma ação social prática que as fundamenta em uma historicidade (NEVES, 1998). Assim, a ação social diante da morte está relacionada com as práticas sociais nas quais o indivíduo faz parte do seu processo de socialização, suas construções históricas interferem diretamente na abordagem de significados sobre o simbolismo da morte.

Pesquisar as questões ligadas à morte por meio de reflexões antropológicas configura-se como importante para o desenvolvimento da compreensão acerca dos fenômenos sócio-históricos que compõem a sociedade em que vivemos. No tocante aos estudos sobre os cenários e os aspectos que compõem a morte e o morrer no Brasil, pode-se afirmar que são diversos, complexos e essenciais para compreendermos o processo de organização e estruturação da sociedade em que vivemos, como podemos perceber a partir das seguintes produções: José de Souza Martins (1983); Roberto DaMatta (1987); João José Reis (1991); Cláudia Rodrigues (1997; 2005); Antonio Motta (2009); Marcel Mauss (2003); Mísia Reesink (1995).

Mauss (2003) ajuda a pensar a morte como um *fato social total*, no qual relata os sentimentos de tristeza, dor e perda que consistem em experiências usualmente associadas à morte. O autor ainda anuncia sua percepção sobre as emoções como uma espécie de “cultura emotiva”, com a qual os indivíduos aprendem significados acerca das noções constituintes da sociedade e significantes para a sociabilidade, visto que são inteligíveis mesmo para aquele que ainda não tenha vivenciado a situação específica (KOURY, 2010).

Dessa forma, a percepção da dinâmica social que envolve o cemitério com suas práticas socioculturais está associada ao contexto histórico vivenciado, e é de extrema relevância aos enlutados utilizar o cemitério como um processo de ritualização, afeto e memória.

As relações construídas entre os indivíduos ajudaram a compreender o espaço do cemitério não apenas como lugar de morte, mas, principalmente, como espaço de vida, atividade social com os “trabalhadores dos mortos”, memória e continuidade simbólica interacional, na qual os enlutados resistem no fortalecimento de suas práticas culturais

mesmo com todas as formas do cenário de um retorno da solidão de vivenciar esse dia que é celebrado.



1. Entrada do cemitério e as crianças em busca de trabalho no dia dos mortos.

Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



2. A espera do chamado para limpar os túmulos.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



3. A venda de velas com carrinhos de mão.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



4. A venda das flores.

Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



5. Monumentos mortuários ao sagrado.

Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



6. A vela que ilumina.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).

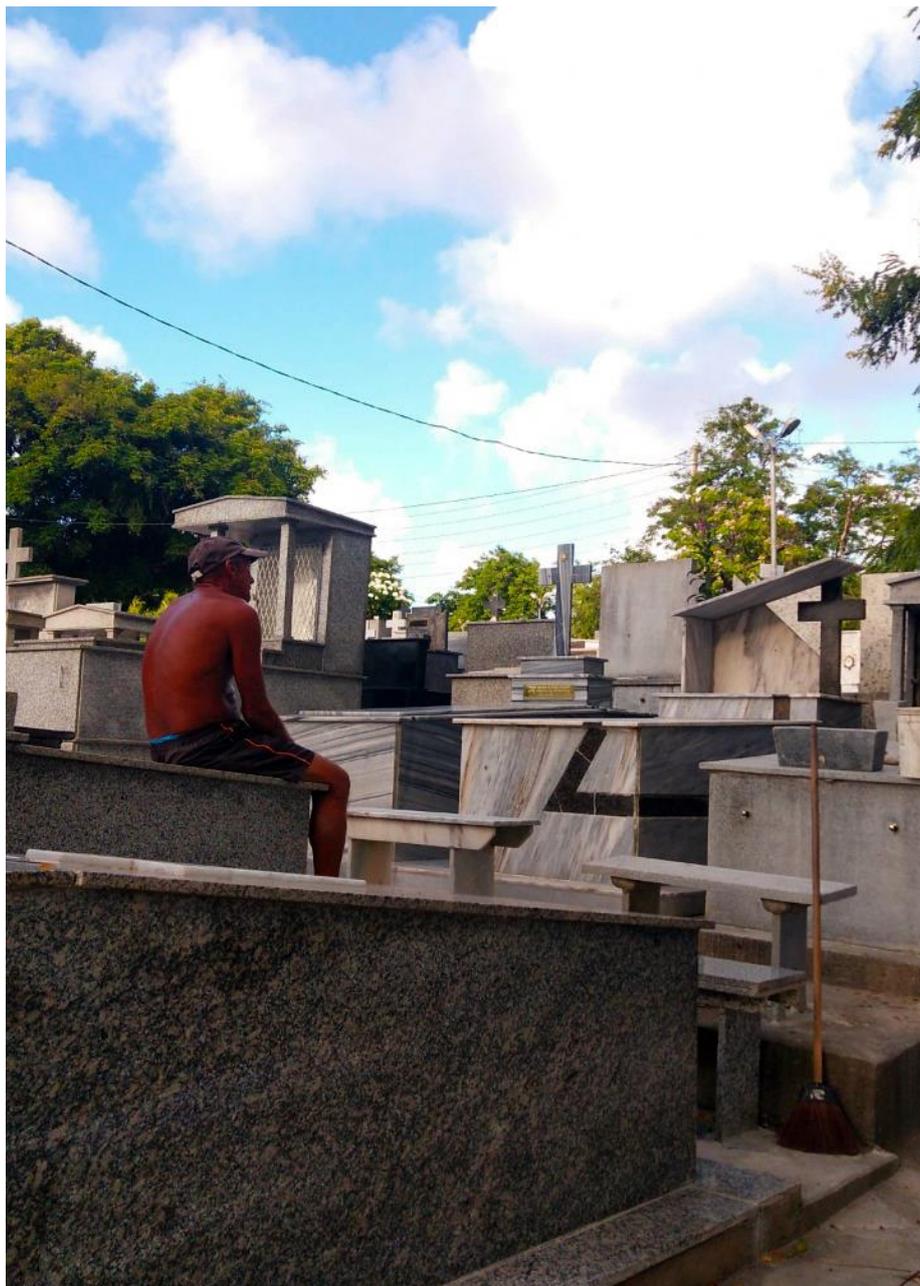


7. Os espaços que circulam.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



8. Culto familiar aos mortos.

Foto: Weverson Silva (2021).



9. Profissionais autônomos do cemitério esperando clientes para organização dos túmulos.

Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



10. O cemitério como espaço de socialização.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



11. Religiosidade no apoio voluntário.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).



12. O retorno e suas idas e vindas.
Foto: Weverson Bezerra Silva (2021).

Referências

- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção: o Brasil urbano sobre a ótica do luto*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Morte, estágio final da evolução*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- MARTINS, José de Souza. *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo. Hucitec. 1983.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MOTTA, Antonio. *À flor da pedra. Formas tumultuares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Massangana, 2009.
- NEVES, Ednalva Maciel. *Da morte biológica à morte cultural: um estudo sobre o morrer em casa em João Pessoa—PB*. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, João Pessoa, Paraíba, 1998.
- REESINK, Mísia Lins. *Morte, católicos e imaginários: o caso do Alto do Reservatório, Casa Amarela*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 1995.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do Além: A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

Agradecimentos

Agradeço a João Vítor Velame e Uliana Gomes da Silva em compartilhar a experiência do campo comigo nesse momento de pandemia, ser presente em tempos de distanciamento. Obrigado!

Financiamento

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

Recebido em 24 de outubro de 2022

Aceito em 10 de fevereiro de 2023